

**OS MISTÉRIOS DE DIONISO NA OBRA
AS BACANTES, DE EURÍPIDES
ALEXANDRA VIEIRA DE ALMEIDA
LEDA MARIA DA COSTA
(MESTRANDAS DE LITERATURA BRASILEIRA -
UERJ)**

Já que vamos tratar neste ensaio sobre os Mistérios de Dioniso na obra *As Bacantes*, de Eurípides, cabe, primeiramente, analisarmos o que se entende por “Mistérios”. Os Mistérios eram consumações, cerimônias de iniciação. Essas cerimônias eram ocultas aos profanos e pessoas não iniciadas e, durante as quais eram ensinadas, através de representações dramáticas e outros métodos, a origem das coisas, a natureza do espírito humano, as relações deste com o corpo e o método de sua purificação e ascensão a um estágio superior. Os Mistérios gregos, os de Deméter / Perséfone e Dioniso, eram reconstruções dos egípcios. Certo é, porém, que os Mistérios nunca foram propriedade dos gregos e, nem mesmo, dos egípcios, e datavam de épocas imemoriais. Segundo afirma Jung no ensaio *Psicologia e Poesia*:

“Não há cultura primitiva que não tenha possuído um sistema freqüentemente desenvolvido de doutrinas iniciáticas secretas; estas, por um lado se referem a coisas obscuras que ultrapassam o mundo humano e diurno e suas lembranças e, por outro lado, dizem respeito à sabedoria que deve reger a ação dos homens.”¹

Em poucas palavras, os Mistérios eram, em todos os povos, uma série de representações dramáticas. Nessas representações, os segredos da Cosmogonia e da Natureza, em geral, eram personificados por sacerdotes e neófitos, que desempenhavam o papel de diferentes deuses e deusas, repetindo supostas cenas (alegorias) de suas respectivas vidas. Estas eram explicadas em seu sentido oculto aos candidatos à Iniciação (que poderiam ser abastados ou pobres, sem diferenciação de classes) e incorporadas às doutrinas filosóficas. Assim, poderíamos dizer que os meios cênicos utilizados pelos oficiantes dos Mistérios para impressionar e persuadir os neófitos seriam, em diversas culturas, a raiz do gênero teatral. Isso se dá na Grécia com o aparecimento dos Mistérios de Dioniso e seu culto, que

originarão a tragédia grega.

Na tragédia *As Bacantes*, de Eurípides, Dioniso é o personagem principal, pois ele será o hierofante, aquele que conduzirá a iniciação das bacantes e do próprio Penteu, que inicialmente configura-se como um não-iniciado. Jean Pierre Vernant e Pierre Vidal Naquet afirmam a importância dessa obra nos informando que “(...) o drama das Bacantes solicitava ainda mais nossa atenção na medida em que nele Dioniso não intervém, como fazem comumente os deuses na tragédia. Ele desempenha o papel principal.”²

Eurípides centraliza a figura de Dioniso, porque seu texto abordará os Mistérios desse deus. O tragediógrafo apresenta-nos um culto secreto, específico dos Mistérios. Logo ao entrar na cidade de Tebas Dioniso diz: “Em toda as outras partes instituí as minhas danças e os meus mistérios, a fim de que a minha divindade possa ser manifestada aos mortais (...) A cidade tem que aprender queira ou não queira que ainda precisa de iniciação em meus báquicos rituais”.³

Dioniso provoca resistência e perseguição, pois a experiência religiosa que suscita punha em risco todo um estilo de vida e um universo de valores. Tratava-se, sem dúvida, da supremacia ameaçada da religião olímpica e de suas instituições. Mas a oposição, representada na tragédia de Eurípides pela figura de Penteu, que combate e desconsidera o rito dionisíaco e o próprio Dioniso, denunciava, ainda, um aspecto mais profundo, e que aliás está grandemente atestado em certas religiões: a resistência contra toda a experiência religiosa absoluta e verdadeira, que só pode efetuar-se negando os valores oficiais e dogmáticos de uma religião que representa o poder e a hierarquia social. Dessa forma, como afirma Alain Daniélou, “Todas as vezes que o culto de Shiva ou Dioniso reapareceu, ele foi banido da cidade que só admite os cultos que dão uma importância desmedida ao homem, que permitem e escusam suas depredações e condenam as formas de êxtase que possibilitam um contato direto com o mundo misterioso dos espíritos.”⁴

Assim, podemos afirmar que essas religiões de Mistérios não agradavam o *status quo* vigente, ainda que muitas pessoas poderosas tivessem sido iniciadas nelas. Como a religião apolínea era representativa dos habitantes do Olimpo – de Zeus e das outras divindades – orientava-se para a luz, para o domínio patrilinear e estatal da pólis. Dioniso representa a dinâmica do escuro, tanto que na tragédia *As Bacantes*, Eurípides descreve

que os rituais báquicos ocorriam à noite. Portanto, isso está adequadamente associado aos rituais de Mistério. Nietzsche escreve sobre Dioniso, considerando-o como a dinâmica do tempo que passa por todas as coisas, destruindo formas antigas e promovendo outras novas com aquilo que ele qualifica de “indiferença pelas diferenças”⁵. Em contraste, há o mundo luminoso de Apolo e seu interesse pelas admiráveis diferenças entre as formas, a que Nietzsche dá o nome de “principium individuationis”⁶, o que está de acordo com o poder hierárquico da pólis e a idéia de cidadão dentro do núcleo grego. O poder de Dioniso, ao contrário, agrega todas as formas, tanto que temos no seu cortejo báquico, homens e, principalmente, mulheres (por serem as mais reprimidas na cidade), jovens e velhos. Nas *Bacantes*, de Eurípides, há o diálogo entre Tirésias e Cadmo, dois velhos amigos, que revelam sua alegria e entusiasmo em participarem dos Mistérios de Dioniso. Cadmo esquece até de sua velhice: “Onde dançaremos? Onde plantaremos os nossos pés e sacudiremos as nossas velhas cabeças grisalhas? Dize-me Tirésias, como um velho a outro. Tu és o entendido, eu jamais me cansarei, noite e dia, martelando a terra com o tirso. Em minha ventura, eu me esquecia como sou velho”⁷. Ao que Tirésias responde: “Então, estás te sentindo como me sinto. Eu também tentarei dançar”⁸

A religião dionisíaca produz o aniquilamento do indivíduo, do individual, rompendo com o “principium individuationes”, com o “Conhece-te a ti mesmo”, de Apolo. Penteu diz na tragédia *As Bacantes*, de Eurípides que é “uma triste dádiva, fazer com que os homens esqueçam de si mesmos”. Todos são o mesmo. Há uma unidade entre os integrantes desses Mistérios. Camille Dumonbié diz:

“Dioniso é um deus da música, que Nietzsche considera, na linha de Schopenhauer, “a verdadeira linguagem do universal” (...), na medida em que desperta, no mundo da Vontade, a saudade do Um original. Portanto, o dionisíaco liberta o homem para uma experiência paradoxal: o horror do indivíduo diante da não-diferenciação primeira e da violência que se libera na festa sagrada; “o êxtase delicioso” provocado pela ruptura do princípio de individuação e o sentimento de fusão no Um primitivo.”⁹

Da mesma forma, na Índia, encontramos o deus Shiva, que possui as mesmas características de Dioniso. Tanto o shivaísmo como o dionisismo são religiões de caráter arcaico e fundamental, em que temos as duas divindades como deuses da vegetação, da árvore, da dança e da vinha. São também deuses animais, representados pelo touro (princípio da energia

vital e fecundante). Esses deuses ensinam aos homens a não dar importância às leis humanas para reencontrar as leis divinas. Tanto os Mistérios dionisíacos como os de Shiva encontram uma resistência por parte das religiões urbanas que as consideravam anti-sociais. Há uma passagem no *Srimad Bhagavatam*, que assemelha-se bastante à tragédia de Eurípides. Na Índia, Daksha, soberano e sábio védico, organiza um grande sacrifício em honra a todos os deuses, mas exclui Shiva, considerando-o uma divindade não védica e impura:

Shiva arruinou o nome e a fama dos governantes do universo e poluiu o caminho das boas maneiras. Por ser desavergonhado, ele não sabe como agir. (...) Eu não desejava dar minha filha a essa pessoa, que transgrediu todas as regras e regulações de civilidade. Por não observar as regras e regulações necessárias, ele é impuro. (...) Portanto, somente pelo nome de Shiva, o auspicioso; na verdade, ele é a criatura mais louca e inauspiciosa. Desse modo, ele é muito querido por seus dementes no grosseiro modo da ignorância, e é o líder deles.¹⁰

Aqui, temos a mesma caracterização de um deus que é desconsiderado por seus hábitos praticados nos Mistérios, que, obviamente, desmoram a ordem social vigente. René Girard cita o seguinte argumento: “A irrupção dionisíaca é a ruína das instituições, o desabamento da ordem cultural, claramente indicada no paroxismo da ação pela destruição do palácio real”¹¹.

O iniciado de Dioniso só é, portanto, entendido por seus iguais. Aquele que não conhece os segredos do ritual – Penteu – não compreende o efeito extasiante do deus. Portanto, Penteu, por falta de conhecimento irá combater esse culto em sua cidade: “Dizem que chegou um estranho, um bruxo, um feiticeiro da Lídia (...) Ele passa os dias e as noites em companhia de mulheres jovens pretendendo iniciá-lo nos Mistérios báquicos. Se o encontrar nesta casa, vou impedi-lo de agitar o seu tirso e sacudir os cabelos cacheados. Separarei seu pescoço de seu corpo.”¹²

Nas *Bacantes*, a destruição do palácio de Penteu mostra a força desse deus da Natureza que não pode ser desconsiderado. Penteu não quer se unir ao deus, aos Mistérios de Dioniso e, por isso, será castigado. Ele não quer participar das danças, do êxtase embriagante do vinho e vestir a pele de corça, que na linguagem alegórica representa o emblema das emoções descontroladas, que deveriam ser dominadas e disciplinadas pelo

iniciado. Isso mostra a imagem do dilaceramento da alma mergulhada no abismo corporal, no mundo da materialidade. Essa queda na matéria só poderá ser desfeita através da união com a divindade, com Dioniso, que provoca nos iniciados a redenção do espírito. Tal simbolismo é representado pela serpente em espiral que as bacantes entrelaçam nos cabelos. A serpente em espiral significa a própria evolução universal da alma, o símbolo revelado ao iniciado. Penteu, por não compreender tais Mistérios é um profano e não pode conhecer o que está além de sua visão deturpada, que vê as orgias báquicas, com o embriagamento de vinho e danças extáticas praticadas pelas bacantes, como algo repugnante e incompreensível para um homem insensato. Dioniso (disfarçado de sacerdote estrangeiro) chama-o, explicitamente, de não-iniciado, não sendo lícito a Penteu conhecer os segredos dos rituais báquicos:

PENTEU: Essas vossas orgias, que forma têm ?

ESTRANGEIRO: É vedado aos mortais profanos conhecê-las.

PENTEU: Que proveito elas trazem aos devotos?

ESTRANGEIRO: Não é lícito ouvires, mas são dignas de serem conhecidas.

PENTEU: Dourar as palavras bem, para me tornar curioso.

ESTRANGEIRO: As orgias do deus aborrecem o homem que pratica a impiedade.¹³

Podemos afirmar que há um aspecto paradoxal na religião de Mistérios - o que se encontra em várias culturas. Aquele que tiver de encontrar a luz, viver em espírito, tem de morrer, passar pelo sofrimento. O castigo de Penteu não será uma mera expiação moral. Inicialmente profano, *ánthropos*, aquele que desconhece os ritos e não tem o direito de desvendar seus segredos, Penteu passa para o estado de *anér*, iniciado. A própria etimologia do nome de Penteu reporta-nos ao sofrimento pelo qual o iniciado, que repete o mesmo sacrifício de Dioniso, passa: “Penqeuvz (Pentheús), *Penteu*, provém do verbo pavscein (páskhein), cujo sentido inicial é ‘ter uma sensação ou impressão’, daí, ‘experimentar uma dor, afligir-se, sofrer’, donde significar o antropônimo ‘sofredor’ “¹⁴.

Penteu é uma criatura da terra que passará por uma gestação simbólica no ciclo, para renascer como o substituto do deus no sacrifício. É a paixão do próprio Dioniso, que sofre e morre, mas sempre renasce. É o símbolo do renascimento vegetal. O tirso enfeitado de hera que o deus e as bacantes trazem, só reforçam esse simbolismo ambíguo: a vida e a morte.

A hera simboliza o contraste entre a frieza e esterilidade de uma lado, calor e generosidade de outro.

Portanto, de simples espectador, Penteu, torna-se ator e reconhece, por fim, que o drama do sacrifício e da morte do deus se passa nele mesmo. Esse deus, que morre e nasce novamente, proporciona uma vida nova ao fiel (que tem de se comportar como bacante) que penetra em seus Mistérios, terminando com a refeição de carne crua do animal que é o próprio deus manifestado, o touro cujo sangue purifica. O sacrifício do deus mostrava o caminho para a regeneração da própria humanidade. Nas *Bacantes*, há uma fala do coro, que na verdade está se referindo a uma fala de Zeus, que diz: “Vem Ditirambo, entre em meu ventre masculino”.¹⁵

Segundo Joseph Campbell, “essa exclamação de Zeus, o portador do raio, feita diante da criança, seu filho Dioniso, soa como *leitmotiv* dos Mistérios gregos do segundo nascimento iniciatório”.¹⁶ A palavra ditirambo, como epíteto do Dioniso morto e ressuscitado, era entendida pelos gregos como significando “aquele de dupla porta”, aquele que sobreviveu ao espantoso milagre do segundo nascimento. É por isso que os ritos de Dioniso eram praticados à noite (simbolismo das trevas, da morte) contrastando com as tochas acesas levadas pelos iniciados (a luz, a vida, o caminho da verdade, da revelação).

O sacrifício humano foi praticado em várias partes do mundo. Dioniso entrega Penteu ao furor das ménades. Claro que trata-se simbolicamente do sofrimento do próprio deus e do iniciado que está unido a ele. Isso repete um arquétipo divino, primordial. Na Santa Ceia Cristã, são elementos vegetais (pão e vinho) que substituem o consumo da vítima humana. O sacrifício da missa é a repetição ritual da paixão de Cristo. Penteu é a carne que será despedaçada e Dioniso carrega o vinho. Aqui, temos a carne e o sangue do sacrifício. Em *Marcos*, temos o ritual da Eucaristia instituído por Jesus Cristo.

Nas *Bacantes*, através do sacrifício da vítima por despedaçamento (*sparagmós*) e do consumo de carne crua (*ômophagia*), realiza-se a comunhão com o deus. Os animais que se dilaceram e se devoram são epifanias, ou encarnações de Dioniso. Penteu passará pelo mesmo processo. Farjani fala sobre o simbolismo do despedaçamento: “A figura do deus despedaçado mostra aquilo que é invisível e uno fragmentando-se para gerar a multiplicidade das coisas. O processo equivale por exemplo ao que

acontece à luz do sol , refratado pela atmosfera, quando se produz o arco-íris.”¹⁷

Desse modo, fica relativamente compreensível a simbologia do deus e estendendo-se aos iniciados – as bacantes e Penteu – que se dão em sacrifício: aquilo que é uno se despedaça para originar o que é fragmentário, o mundo manifesto. Temos assim, a cena primordial, a criação do universo, a representação da cosmogonia. O desmembramento é um rito de caráter nitidamente iniciático. É preciso passar pelo sofrimento que Dioniso passou para ser um iniciado.

O vinho associado ao sangue é a poção de vida e imortalidade. Chevalier afirma que “o vinho como símbolo do conhecimento e da iniciação não é desconhecido de nenhuma das Tradições (...), e em particular dos mitos dionisíacos”.¹⁸ No sufismo, o vinho é símbolo do conhecimento iniciático reservado a poucos. Vários poemas do místico persa Rûmi (séc. XIII) abordam o tema do êxtase místico provocado pelo vinho, que nos faz esquecer do que existe no mundo. A embriaguez do vinho e das bebidas alucinógenas faz parte das técnicas de êxtase. Ajudam o homem a libertar-se de suas preocupações materiais, de seus apegos, de seus laços, e são uma preparação para a percepção de realidades superiores. As bacantes que bebem o vinho deixam os afazeres domésticos para entrarem em contato com algo mais divino: ...”a fila das mulheres espera, expulsas do tear e do fuso pelo arrebatamento de Dioniso”.¹⁹

Por isso, as bacantes são chamadas de loucas. O iniciado representava o papel de “louco” ou “bacante”. Na verdade, a loucura ou a mania constituía de certo modo a prova de divinização do neófito. Tirésias diz a Penteu que não será persuadido por sua lógica para combater os deuses. O coro também diz: “O conhecimento não é sabedoria. Pensamentos demasiadamente longos tornam a vida curta. Se o homem, em seu breve momento, anda atrás de coisas grandes demais para ele, pode perder as alegrias que estão ao seu alcance.”²⁰

Posteriormente, Penteu terá de se tornar uma bacante para ser iniciado nos Mistérios de Dioniso, utilizando toda a indumentária ritual e sagrada que elas usam para renascer numa forma superior de existência. Dioniso, disfarçado de sacerdote estrangeiro, refere-se a Penteu da seguinte forma: “Se ele estiver em seu juízo perfeito, não haverá jamais possibilidade de fazê-lo vestir-se como mulher. Se, porém, a sua mente for transtornada, ele assim se vestirá.”²¹

Farjani, referindo-se a essa loucura comenta:

Já o louco e o embriagado remetem-nos diretamente à idéia de *ékstasis* e *enthusiasmós*, os estados de possessão divina em que incorriam os devotos de Baco quando bebiam o vinho sagrado. O homem, ao comungar com a divindade fica “ébrio” dessa mesma divindade, e transpõe o seu *métron* ao confundir-se com ela. Essa é a loucura do iniciado, a de julgar-se semelhante aos deuses por ultrapassar a condição humana²².

A dança das mônades revela a identidade entre o homem e a divindade. “O estado de bacante é um denominador comum entre o deus e o homem”.²³ Na Índia, as danças coletivas que conduzem à mania recebem o nome de kîrtana (canto de glória), entre os gregos, de ditirambo. Muitas vezes os etnólogos e os historiadores das religiões quiseram dar uma interpretação agrária, de estação, ou outra, às cerimônias orgiásticas coletivas. Na verdade, trata-se de um dos aspectos do descondicionamento do ser, que retorna por um instante a sua natureza mais profunda, que é, de fato, sua natureza verdadeira ainda mais próxima do divino.

Embora Dioniso esteja relacionado por vários estudiosos, inclusive Nietzsche, ao simbolismo lunar, sombrio, próprio dos Mistérios; ele também aponta para o simbolismo solar, divino. Isso encerra, obviamente, o paroxismo da morte e da vida representado nos Mistérios e na própria configuração mítica da *coincidentia oppositorum*, já que toda personagem da mitologia, seja herói ou deus, não apresenta uma classificação unívoca e redutora.

Reportando-nos agora a outros símbolos significativos dos Mistérios dentro da tragédia de Eurípides, encontramos a imagem da montanha, local onde eram realizados os ritos dionisíacos e que representa o meio de identificar-se com a vida dos deuses, já que indica ascensão e proximidade com o mundo dos deuses. A árvore, em que Penteu fica debruçado para observar as bacantes, pelo fato de suas raízes mergulharem no solo e de seus galhos se elevarem para o céu, é universalmente considerada como símbolo da vida, em perpétua evolução em ascensão para o céu. Por outro lado, serve também para simbolizar o aspecto cíclico da evolução cósmica: morte e regeneração. O fogo é o espírito, o conhecimento intuitivo, purificador e regenerador. Aparece nas *Bacantes* no momento em que as mônades são chamadas por Dioniso para cometerem o sacrifício de despedaçamento de Penteu. Entre as bacantes, estão a sua mãe (Agave), Ino e Autonoe. O fogo aparece como um comunicado. O mensageiro, ao

contar o que viu nos Mistérios báquicos, diz, referindo-se a Dioniso, que este “mesmo enquanto falava, provocou uma misteriosa coluna de fogo que se ergueu da terra para o céu”.²⁴ A ação iluminadora, fecundante e esclarecedora do fogo dentro da Alquimia simboliza a imortalidade, em que o alquimista, a partir da chama de seu forninho transmuta todas as substâncias inferiores numa substância superior. A cabeça arrancada de Penteu por sua mãe, que tomada pelo êxtase e loucura báquica, confunde com a cabeça de um leão²⁵ simboliza a energia vital, o dom profético que será recebido por quem a possui. Dioniso é descrito por Eurípides como um deus que prediz o futuro: “Ele é um deus profético. Aqueles em cujo espírito ele penetra, como os possessos, não têm um pequeno poder de profecia. Sempre que o deus penetra no corpo com todo o vigor, toma posse dos homens e os fazem predizer o futuro.”²⁶

Além de terem um valor espiritual, os Mistérios dionisíacos provocavam simbolicamente o desregramento das mulheres, enclausuradas no gineceu, que dá ao culto de Dioniso, uma situação especial, à margem das manifestações oficiais da cidade, pois rompe com o sistema. Da mesma forma, unindo homens e mulheres, cidadãos e escravos, ameaçam a hierarquia social e, por isso, o deus aproxima-se de Cristo e Buda. Estes, como avatares que vêm expiar os erros do homem, revoltam-se contra o poder hierárquico e vigente. Cristo combate os fariseus, proferindo seus ensinamentos para o povo. Buda revela ensinamentos que eram vedados, anteriormente, pela casta poderosíssima dos brâmanes hindus, que se consideravam superiores e desprezavam o resto. Ambos são deuses nascidos na Terra como Dioniso. A ordem dos valores humanos é subvertida pelo fato de Dioniso, o único deus nascido de uma mortal, aproximar-se dos humanos, o que lhes permite, reciprocamente assemelharem-se a ele. Ao contrário de todos os outros deuses gregos, a religião dionisíaca elimina as fronteiras entre o humano e o divino.

Quer se trate do bramanismo, da religião oficial grega ou romana e de outras religiões hierárquicas e dogmáticas, sempre encontramos a mesma oposição aos remanescentes das antigas religiões de Mistérios, ao amor à Natureza, à busca extática. Encontramos também as mesmas perseguições ao sufismo, às seitas místicas. Uma das armas da religião urbana é a tirania moral, baseada em dogmas que lhes permitem disciplinar e condicionar o homem, opondo-se a sua realização espiritual e verdadeira.

BIBLIOGRAFIA:

- BRANDÃO, Junito de Sousa. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Vols I e II. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____. *Mitologia Grega*. Vols I e II. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BRUNEL, Pierre (org). *Dicionário de mitos literários*. RJ: José Olympio, 1997.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. SP: Círculo do Livro S.A. s.d.
- _____. *As transformações do mito através do tempo*. SP: Cultrix, 1990.
- CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos*./ Jean Chevalier, Alain Gheerbrant. 14.ed. RJ: José Olympio, 1999.
- DANIÉLOU, Alain. *Shiva e Dioniso: a religião da Natureza e do Eros*. SP: Martins Fontes, 1989.
- DETIENNE, Marcel. *Dioniso a céu aberto*. RJ: Jorge Zahar Ltda, 1988.
- ELIADE, Mircea. *História das crenças e das idéias religiosas: da Idade da Pedra aos Mistérios de Elêusis*. Tomo I, vol.2. RJ: Zahar editores, 1978.
- EURÍPIDES. *As Bacantes*. R J: Ediouro Publicações S.A., 1988.
- FARJANI, Antonio Carlos. *A linguagem dos deuses: uma iniciação à mitologia holística*. SP: Cultrix, 1990.
- _____. *Édipo claudicante: do mito ao complexo*. SP: EDICON, 1987.
- GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. SP: Editora Universidade Estadual Paulistana, 1990.
- JUNG, C.G. *O espírito na arte e na ciência*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo*. SP: Companhia das Letras, 1992.
- PRABHUPADA, A . C. Bhaktivedanta Swami (org). *Srimad Bhaga vatam*. Quarto Canto-Parte. SP: The Bhaktivedanta Book Trust, 1995.
- SCHURÉ, Édouard. *Os grandes iniciados*. SP: Martin Claret Editores Ltda, s.d.
- VERNANT, Jean-Pierre/NAQUET, Pierre Vidal. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. vol II: Brasiliense, 1991.

NOTAS:

- ¹ JUNG, C.G. In : *O espírito na arte e na ciência*, 1991.
- ² VERNANT, Jean Pierre/NAQUET, Pierre Vidal. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. vol II, 1991.
- ³ EURÍPIDES. *As Bacantes*, 1988.
- ⁴ DANIELLOU, Alain. *Shiva e Dioniso: a religião da Natureza e do Eros*, 1989.
- ⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*, 1992.
- ⁶ Ibidem.
- ⁷ Ibidem.
- ⁸ Idem, ibidem.
- ⁹ BRUNEL, Pierre (org). *Dicionário de mitos literários*. In: “Nietzsche, discípulo de Dioniso”, de Camille Dumoulié.1997.
- ¹⁰ PRABHUPADA, A . C. Bhaktivedanta Swami (org). *Srimad Bhagavatam*, 1995.
- ¹¹ GIRARD, René. *A violência e o sagrado*, 1990.
- ¹² Idem, ibidem.
- ¹³ Idem, ibidem.
- ¹⁴ BRANDÃO, Junito de Sousa. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. vol 2, 1991.
- ¹⁵ Idem, ibidem.
- ¹⁶ CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. s.d.
- ¹⁷ FARJANI, Antonio Carlos. *A linguagem dos deuses*, 1991.
- ¹⁸ CHEVALIER, Jean/GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*, 1999.
- ¹⁹ Idem, ibidem
- ²⁰ Idem, ibidem
- ²¹ Idem, ibidem.
- ²² FARJANI, Antonio Carlos. *Édipo claudicante*, 1987.
- ²³ DETTIENE, Marcel. *Dioniso a céu aberto*, 1988.
- ²⁴ Idem, ibidem.
- ²⁵ O leão relaciona-se a um simbolismo solar, portanto, temos a ascensão purificadora de Penteu , o iniciado ,que caminha para a Luz.
- ²⁶ Idem, ibidem.